

Secretaria Municipal de Educação
Coordenação de Projetos, Tecnologias e Inovação



Crônicas do Isolamento

Organizadoras:

Cristiane Gomes

Maiara Letícia Ávila da Silva

Lúcia Regina Lucas da Rosa



PREFEITURA DE
ESTEIO



© Secretaria Municipal da Educação de Esteio (RS) – 2020
Coordenação de Projetos, Tecnologias e Inovação
Todos os direitos reservados

Wagner dos Santos Chagas
Secretário Municipal de Educação

Leonardo Duarte Pascoal
Prefeito Municipal de Esteio

CAPA

Diretoria de Comunicação – Prefeitura Municipal de Esteio (RS)

REVISÃO ORTOGRÁFICA E PREFÁCIO

Cristiane Gomes
Maiara Letícia Ávila da Silva

APRESENTAÇÃO

Lúcia Regina Lucas da Rosa

DIAGRAMAÇÃO

Felipe Magnus (Agbara Edições)

PRODUÇÃO GRÁFICA E EDITORIAL

Secretaria Municipal da Educação de Esteio (RS)
Coordenação de Projetos, Tecnologias e Inovação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C947 Crônicas do isolamento [recurso eletrônico]. / Prefeitura Municipal de Esteio, Secretaria Municipal de Educação, Coordenação de Projetos Tecnologias e Inovação. – Porto Alegre: Agbara Edições, 2020.

50 p. : pdf

ISBN 978-65-88160-02-2

1. Gomes, Cristiane (Org.)
2. Rosa, Lúcia Regina Lucas da (Org.)
3. Silva, Maiara Letícia Ávila da (Org.)
3. Literatura Brasileira.
2. Crônica. I. Título.

CDU 821.134.3(81)-3

(Bibliotecário responsável: Nelson Oliveira da Silva – CRB 10/854)

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio e para qualquer fim, sem a autorização prévia, por escrito, do autor. Obra protegida pela Lei dos Direitos Autorais

Secretaria Municipal de Educação de Esteio - RS
Coordenação de Projetos, Tecnologias e Inovação

Agbara Edições

2020

Cristiane Gomes
Lúcia Regina Lucas da Rosa
Maiara Letícia Ávila da Silva
(Organizadoras)

Crônicas do Isolamento

Secretaria Municipal de Educação de Esteio - RS
Coordenação de Projetos, Tecnologias e Inovação

Agbara Edições

2020

07	Prefácio
09	Apresentação
12	Significam isolamento
14	Os idiotas e os nefelibatas
16	Isolamento social e a melhor idade
18	Em tempos de isolamento
21	Notas do isolamento: sobre vidas desejosas de si mesmas
24	E agora, Escola?
26	Borboletas sempre voltam
28	A utopia da produtividade em tempos de pandemia
31	Auxílio Emergencial
32	((pulso aberto))
35	Sobre os autores
46	Organizadores



PREFÁCIO

As máscaras encobrem as expressões faciais. Já não é possível perceber os sorrisos. Sobram olhares indecifráveis. Os corredores estão vazios e o silêncio habita os espaços que outrora eram cheios de vozes, de vidas, de alegrias... A rotina deu lugar a novas perspectivas. Os sonhos foram calados. Todos os dias parecem segunda-feira. Aos poucos, o corpo sente falta dos abraços, do toque, do carinho. A mente já não silencia mais. São ideias que borbulham em meio à agonia de inúmeras incertezas. Há um retorno silencioso que ressoa o vazio de uma aprendizagem realizada fora do seu ambiente natural.

Concepções elaboradas no século XIX voltam a fazer sentido. O meio selecionará, mais uma vez, aqueles que sobreviverão mediante sua capacidade de adaptação. Por quanto tempo a sanidade mental suportará a vida em isolamento? A humanidade, em pleno segundo milênio, retrocede e volta à caverna. Isola-se dos seus familiares, amigos e amores. Isola-se do lazer. Percebe a si mesma e ao seu casulo como há tempos não percebia. O reflexo da existência sugere uma nova realidade a ser experimentada.

Habitado a mudanças constantes, o ser humano passa a questionar o cenário atual que indica uma durabilidade maior do que o esperado. As semanas ocupam o espaço entre o paradoxo de um tempo que jamais se encerra e jamais sacia as necessidades humanas. A resiliência é uma arma cuja munição se esvai à medida que os dias passam silenciosamente turbulentos. É preciso colocar em palavras todas as sensações experimentadas. É preciso colocar em palavras para não se afogar nas incertezas. É preciso colocar em palavras antes que elas sufiquem o último grito calado de desespero.

As palavras se unem para ressignificar a existência humana e registrar as sensações potencializadas nas singularidades. O eco sombrio nas paredes solitárias do mundo contemporâneo dá voz e vida a reflexões cheias de cotidiano e vazias de companhia. É na solidão que a literatura surge como refúgio para as manifestações mais profundas que habitam os corações humanos.

O Concurso Literário Crônicas do Isolamento é uma iniciativa da Coordenação de Projetos, Tecnologias e Inovação da Secretaria Municipal de Educação de Esteio (RS). Surge como um espaço de registro para as percepções e vivências proporcionadas pelo isolamento social aos educadores da Rede Municipal de Ensino. Os dez melhores textos inscritos no concurso estão reunidos nessa coletânea. Somente a literatura é capaz de transbordar os vestígios humanos de encantamento que se traduzem nas crônicas aqui apresentadas.

Cristiane Gomes e Maiara Ávila

APRESENTAÇÃO

Crônicas do Isolamento

O tempo é um dos bens mais preciosos que existe atualmente. A expressão corriqueira “não tenho tempo” está equivocada, ele existe em abundância e nos envolve tanto que chega a sufocar, afinal, nunca foi tão estendido em nossa mente e em nossas atividades. E é dessa ideia que vem a origem da palavra crônica – uma referência da Mitologia grega, ao deus Cronos, filho de Urano (o Céu) e de Gaia (a Terra). Cronos foi tão ousado que destronou o pai e casou com a própria irmã, Reia. E assim começou uma trajetória de infortúnios quando seus pais profetizaram que Cronos igualmente seria destronado por um dos filhos. Para que isso não acontecesse, Cronos devorava todos os filhos gerados por Reia até que um dia, ela deu ao marido uma pedra para ser engolida no lugar do filho recém-nascido. Eis que, então, a profecia realizou-se: Zeus sobreviveu e deu ao pai, Cronos, uma droga que o fez vomitar todos os filhos engolidos e liderou uma guerra contra o pai, derrotando-o. Cronos é a personificação do tempo e sua lenda pode ser lida como uma alegoria: o tempo, em sua passagem fatal, engole tudo o que é criado e todas as criaturas.

A partir do radical da palavra *chronos* (tempo), é possível pensarmos em outras palavras: cronônimo (divisão do tempo), cronograma (organização de prazos de trabalhos), ordem cronológica (disposição de fatos na ordem em que ocorreram), cronografia (descrição do tempo), cronótopo (conexão entre espaço e tempo). A referência explícita ao tempo, nos faz refletir sobre ele e, segundo Lucas Graeff, no Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura (BERND e KAYSER, 2017, p. 288, Editora Unilasalle), ao mencionar as

Confissões de Santo Agostinho, afirma que “o tempo é uma categoria perceptiva, transcendental, da alma. É a expressão mesma da maneira pela qual os seres humanos estão no mundo. Não é algo anterior ou posterior à existência: é a própria existência.” Diante de seu significado e associação de ideias correlatas, a crônica diz sobre o mundo da vida temporal – real ou fictícia. Para Massaud Moisés (Dicionário de termos literários, 2004, p. 110, Editora Cultrix), do relato de fatos, narração, o vocábulo crônica mudou de sentido deixando de ser não somente descrição ou relação de acontecimentos de registro histórico para também designar um acontecimento diário que tenha chamado a atenção do escritor. E sua forma de escrita é múltipla, podendo ser literária com recriação da realidade e assumir tons poéticos.

Nas suas múltiplas possibilidades criativas, este livro Crônicas do Isolamento apresenta textos de um tempo inusitado para a história da humanidade. Uma vez instaurada a pandemia causada pela Covid-19, em 2020, vimos um tempo que se estagnou para algumas pessoas, desenraizou relações de proximidade, distanciando e reinventando a convivência para todos. Vivemos um cronos devorador.

Assim, na crônica Significam Isolamento, Norberto mostra a mudança de hábito de Robinson e a dificuldade do isolamento, que “suspira e imagina se um dia voltará a ser livre”. Em Os idiotas e os nefelibatas, Guilherme questiona nossa condição humana e as atitudes de algumas pessoas durante a pandemia, pois “ele quer provar um ponto”. Em Isolamento social e a melhor idade, Miguel revela um cotidiano que faz com que pensemos na situação do idoso, na qual a personagem, viúva costureira, vive seu drama: “as horas eram sempre as mesmas: de espera”. Na crônica Em tempos de isolamento, Eliane traz as angústias e as dúvidas vividas neste momento, pois “nossos pensamentos aparecem livres, confusos e sem consentimento.” Em Notas do isolamento: sobre vidas desejosas de si mesmas, Rodrigo faz considerações sobre o filósofo alemão Nietzsche e a contribuição do seu

isolamento espontâneo para dedicar-se à escrita, faz considerações de Deleuze e Guattari e propõe “pensar a doença como potência”, uma vez que “investigamos nossas angústias e aprendemos com elas, ensaiamos respostas que nos levam a mais perguntas.” Na crônica E agora, Escola? Sandra indaga ao leitor como se organizar perante o tempo de isolamento, menciona as histórias para contar e o papel do professor: “Sempre se ouviu falar que professores são super-heróis sem capa e sem máscara...” Em Borboletas sempre voltam, Raquel faz uma analogia do professor com a borboleta, afirmando que “vimos borboletas e tivemos que nos recolher aos nossos casulos.” Em A utopia da produtividade em tempos de pandemia, Daniele relata seu cotidiano durante a pandemia e se questiona sobre a produtividade e o uso do tempo: “não sei se é um distúrbio psicótico ou se é apenas efeito do confinamento.” Em Auxílio emergencial, Aldaiza descreve a dificuldade e o assombro de uma mulher que se vê em casa sem poder sair para trabalhar e fica aguardando o auxílio emergencial, ela vê que “o sol da manhã entrava pelas frestas do casebre de madeira e batiam no seu rosto envelhecido pelos anos.” Na crônica ((pulso aberto)), Graziela estabelece um jogo de palavras e significados na tessitura da escrita repleta de questionamentos e afirmações acerca do futuro, convida a “genuínos tempos dos acordes, dos acordos, de acordar.”

Enfim, o livro encerra reflexões, relata rotinas, perspectivas e dúvidas. Deste tempo incerto, muitas experiências e vivências para ensinar e para aprender acontecendo de forma simultânea, no cronos do agora. Fica o convite ao leitor para se deliciar e se encontrar nesses relatos do tempo em que vivemos sem planejamento prévio e com estratégias encontradas pouco a pouco para brilharmos na existência novamente. Que o texto literário seja uma porta de entrada para vivermos a intensidade e para nos renovarmos ao que virá, ao que será e ao que seremos. Parabéns à Coordenação de Projetos, Tecnologias e Inovação, à Secretaria Municipal de Educação de Esteio e aos cronistas aqui presentes.

Profª. Lúcia Regina Lucas da Rosa

Significam Isolamento

Norberto da Silva Santos

Robinson acordou com o nascer do dia como sempre fazia. Acordou, mas não abriu os olhos.

Abrir os olhos. Levantar. A melancolia que o toma torna cada vez mais difícil executar ou decidir por fazê-los.

Coisas que lhe davam prazer antes do isolamento, hoje lhe são impossíveis.

Já não percorre mais lugares à procura do que gostaria para seu desjejum.

Aceita a comida repetida e de sempre. É a única possível.

Come enquanto espia para fora. Há pouca vida por ali. Já não havia muita vida antes, na sua opinião. Tenta acreditar que, no fundo, está vivendo um período de paz. Não a paz plena e repleta, mas a paz possível.

Tenta na verdade se enganar... sabe bem que tinha paz antes, quando era livre. Livre para ir e vir para onde o aprouvesse. Se soubesse que acabaria tão repentinamente...

Espia seu vizinho disfarçadamente. Observa que seus olhos estão secos. Eles escondem períodos recentes de choro. Robinson o ouviu à noite. Mais que choro, um lamento. Mas também já acostumou com o ruído sofrido e angustiado. Talvez, emita sons semelhantes dormindo. Seus sonhos são sinônimo de terror. Geralmente, são lembranças do início do isolamento.

Tem o impulso de ir até seu vizinho. Não pode. O isolamento o impede de ter contato com quem quer que seja. Não se acostuma com isso. Acha que nunca se acostumará. Lembra dos seus. Onde andarão? Será que também estão em isolamento? Ou estarão andando livremente?

Seu corpo não se adapta ao confinamento. Suas articulações e músculos anseiam longas caminhadas e se exasperam naqueles poucos metros quadrados.

Uma metragem ínfima para satisfação de seu corpo – e de sua mente. Preferia a fadiga após um dia de agitação - e até de perigo - do que a fadiga que o tédio, a preguiça e a tristeza proporcionam.

Os outros aventavam que está seguro ali. Concorda. O corpo, talvez seguro. Mas a mente, certamente adoecida.

Já argumentou, negociou, barganhou. Não adiantou. No isolamento, os outros persistem em ignorá-lo. Desconversam. Riem do seu lamento. Enfim...não entendem o que diz.

Ruídos despertam a atenção de Robinson. Seu coração dispara. Aperta.

Sabe o que é.

Fecha os olhos.

Respira.

Imagina a brisa leve e quente em seu rosto. Sente como se fosse real o cheiro de terra molhada. Seus pés tocam levemente a relva macia que acaricia. Acarinha. Abre os olhos.

Cobre a boca e solta um grito abafado. Suas bochechas estão quentes quando as lágrimas, que nem havia sentido se formarem, começam a correr. Seu sangue se agita. Seu peito parece gritar que precisa ser corajoso.

Por debaixo do arco, vê os outros se aproximando. Muitos. Como há tempos não via. Estiveram longe por um período. Avistava um ou outro eventualmente. Mas seus sentidos lhe avisam: voltaram. E voltarão.

Fecha os olhos novamente, enquanto os gritos ainda estão distantes. Projeta sua mente para seu lar. Busca proteção na savana, sua casa. Suspira e imagina se um dia voltará a ser livre. Se um dia voltará a celebrar a vida. Os outros estão apoiados na grade, fazendo barulho. Seu olhar se perde no horizonte. Vê o arco. Não entende os símbolos que estão sobre ele: zoo. Mas imagina o que significam: isolamento.

Os idiotas e os nefelibatas

Guilherme Garcia Sumariva

Tem coisas nessa vida que não dá para entender. Não dá para entender, com certeza, de onde viemos e para onde vamos. Não dá para entender a singularidade gravitacional dentro de um buraco negro. Não dá para entender física quântica, não charlatã, direito. Não dá, nem mesmo, para entender porque a cenoura é laranja e a laranja não é cenoura. Não entender essas coisas não dá raiva.

Mas tem coisa que dá.

Não dá para entender quem, em pleno começo de pandemia, faz carreata para reabrir comércio sendo que todas as autoridades médicas e sanitárias recomendam o fechamento. Não dá para entender quem faz buzinaço, sai às ruas sem máscara e aponta o dedo para as pessoas, em seus lares, fazendo sua parte e ficando em casa. “Bando de idiotas”, diz o necrófago em seu carro de luxo, em plena avenida. “Vocês não querem trabalhar?” pergunta, retoricamente, o gênio da pós-verdade. Ele já sabe a resposta. Mas ela não é importante para ele.

É uma daquelas situações que dá vontade de voltar ao velho vício do tabaco, para ver se a nicotina acalma um pouco. Uma daquelas situações que gritar do isolamento social, da janela de casa, acelera a produção de dopamina. Faz sonhar em colocar esse energúmeno em uma classe, na sala de aula, e explicar que idiota, do grego antigo, é aquele que ignora a vida pública, que só olha para si mesmo, ignora o bem comum.

— Mas e a economia? — retruca o brilhante pensador.

Chega a dar vontade de trazer a prática da palmatória de volta. Só por um instante.

— Não existe essa diferença entre cuidado com a vida e economia — responde o professor, na sua eterna paciência por fora e tempestuosa fúria interna.

É claro que todos querem trabalhar. Mas, data venia aos crentes que venham a discordar, morto não trabalha. Exagero? Talvez.

E, certamente, há aqueles e aquelas que não podem ficar em casa. Vivemos no país com uma desigualdade econômica e social brutal. Não seria justo, então, que todos que podem ficar em casa fiquem e os que realmente são obrigados a sair de casa o façam para protegermos uns aos outros?

— O senhor é um ne-fe-li-ba-ta! - diz o prodígio, com um olho no mestre o outro no Google, com todos os efes e erres - acreditando que isso seria possível. E o direito de ir e vir? - conclui o renomado cientista social instruído por blogs obscurantistas da internet.

Outra acusação grega. Assim chamavam aqueles que pensavam demais, que viviam nas nuvens, que se descolam da realidade, os visceralmente idealistas. Não é por acaso que ele diz isso. Ele quer provar um ponto. Quer mostrar para o mundo que quem não pensa como ele está, necessariamente, errado. Que quem se refugiou em casa contra esta gripezinha ou é covarde, ou desinformado ou, - pior ainda - comunista. Lênin estaria orgulhoso de ver a revolução doméstica do proletariado em isolamento social finalmente se concretizando, destruindo a liberdade individual de ir ao shopping. As peças do dominó finalmente começaram a cair. Tudo faz parte do plano. Só não vê quem não quer.

De súbito, a fantasia se quebra. As buzinas continuam. A carreata prossegue. São só alguns gatos pingados, mas barulhentos. O proponente líder continua a gritar, filmando seu momento de glória. Como um César, diz ao mundo: “veni, vidi, vici”, e chacoalha suas bandeiras de líderes populistas e anti-democráticos favoritos.

Do isolamento, da janela do lar, só se observa, e a raiva se transforma em lamento. Talvez a educação tenha falhado com este homem. E só se consegue pensar: quem são os idiotas? Quem são os nefelibatas?

Isolamento social e a melhor idade

Miguel Antônio Athaydes Machado

Era início do mês de março, ainda eram dias quentes. Do portão da rua, era habitual ver aquele quarto na penumbra. Apenas um abajur no canto do quarto iluminava as janelas de pinus que eram ornadas por cortinas rendadas. A nobre senhora havia enfeitado quando ainda era a costureira mais requisitada do bairro. Ultimamente, seus dias vinham recheados de dores pelo corpo, somadas a horários restritos para a alta dosagem de medicamentos que o médico do posto havia prescrito.

Do mundo externo, mesmo com todo aquele caos mundial, os mais sensíveis, ao cruzarem sua casa, olhavam carinhosamente para aquelas janelas enfeitadas que as vizinhas sabem alinhar tão bem, e percebiam que aqueles cabelinhos esbranquiçados, as espáduas curvadas e o olhar entristecido aguardavam por um velho conhecido ou por algum amoroso familiar.

Os noticiários davam conta de que as pessoas deveriam ficar em seus lares, seguras, com seus familiares, devido ao crescimento da pandemia que assolava o mundo e o bairro da velha senhorinha. A viúva costureira já não bordava e nem cosia, seus serviços não eram requisitados como outrora. Seu maquinário era apenas adorno e frutos do passado. Mas não era isso que a deixava inquieta e de olhar vazio, mirando o infinito. Ela não aguardava por clientes ou vizinhos, a vizinhança sabia disso; ela ansiava por aqueles a quem ela deu a vida e amor no aconchego daquele velho lar.

Nos dias restritos para todos, principalmente para ela, sabia-se, as horas eram sempre as mesmas: de espera. Não sabia pronunciar o nome da pandemia, mas compreendia experimentar, indesejavelmente, a amofinação de estar tão só. Os velhos clientes e vizinhos, respeitando o isolamento proferido pelas

autoridades, apenas acenavam da rua toda vez que a avistavam. Os retornos de acenos da nobre senhora já não eram salutares ou enérgicos comparados ao tempo em que sua casa era sempre movimentada e alegre por aqueles que, ao seu redor, faziam-na sentir confortada.

Os dias distanciavam-se, assim como o afastamento físico das pessoas. Na sexta semana de isolamento, quando retornava da rotina de meu trabalho, vi a casa da vizinha movimentada. Aliviado, reconheci, de longe, o casal de filhos, que por muito tempo ela esperava. O abajur, que todos os dias iluminava o canto do quarto, havia sido desligado. Segundos após esse meu alívio, correu-me um nó na garganta, quando fui submetido pela cena do casal de filhos em prantos, carregando a nobre costureira para fora de casa e levando-a numa maca para dentro da ambulância. Seu corpo já estava rígido e totalmente coberto por um manto imaculado, inclusive os seus cabelinhos esbranquiçados.

Em tempos de Isolamento

Eliane Kauer

Às vezes no silêncio da noite (até parece letra de música), a imaginação voa livre - porque durante o dia não conseguimos parar com tantas tarefas cotidianas, limpeza e mais limpeza, além de todas as atividades de nosso trabalho remoto - e tento congelar o pensamento para não pensar como difícil está sendo este período de isolamento social. Essa incerteza do amanhã, essa dúvida de que poderemos não estar mais aqui no próximo instante por causa desta pandemia, assola o mundo inteiro. Apesar de termos a certeza de que somos finitos, de que nosso corpo acaba um dia, esse dia parecia sempre estar tão longe.

Jamais, na história do nosso século, imaginaríamos estar passando por uma situação como a que todos vivemos atualmente. De repente tudo mudou da noite para o dia: tivemos que aprender a viver isolados para nos proteger. Já escutei alguns dizerem que esse período está servindo para as pessoas serem menos egoístas, terem mais amor pelo próximo, repensem suas ações. Porém, creio que o mundo não ficará melhor por causa desta pandemia, pois vemos muita desunião entre os humanos, muita corrida para chegar na frente do outro, muita falta de empatia por nosso semelhante. Apesar de assistirmos a boas ações, a ganância está correndo livre por aí, tantos e tantos tirando proveito da situação em detrimento do sofrimento alheio. Será mesmo que o isolamento e as tantas mudanças no planeta irão mudar o ser humano?

Sei, também, que o mundo não está perdido, pois muitas ações estão sendo feitas em prol da humanidade, muitas pessoas conseguem enxergar o próximo como a si mesmo e lutam por um mundo mais acolhedor, mais seguro e justo. Então, esse sentimento é o que alenta meu coração, pois sempre pensei dessa forma: o bem é um bumerangue que devolve aquilo que emitimos. A consciência de

que precisamos fazer o melhor para os outros como se estivéssemos fazendo para nós mesmos é um estágio de amadurecimento evolutivo do ser humano. Enquanto o homem não estiver na mesma escala evolutiva de enxergar com os olhos do coração quem segue na sua frente, ficaremos empacados aqui.

E a paranoia ou neura? Se quem já sofria de algum problema psicológico tratado anteriormente precisou intensificar o atendimento em especialistas, imagina eu, que me achava uma pessoa centrada, regrada, que fazia tudo em tempo cronometrado. Precisei rever todos os meus conceitos pré-existentes, modificá-los, adaptá-los. Está sendo uma mudança radical para adequação à nova realidade. Acredito que trabalho mais que 24 horas por dia (até em sonho ou pesadelo, sigo trabalhando), levanto mais cansada do que quando fui dormir. Por vezes, dou um passo para frente e dois para trás, pois o cérebro é um enigma que muitas vezes nos atormenta. Nossos pensamentos aparecem livres, confusos e sem consentimento.

Todos falam que temos de nos reinventar (fazer surgir nossa versão flex). Creio que esse seja o melhor caminho: deixar a zona de conforto, enxergando os fatores positivos que encurtam o caminho do amadurecimento. Tentar fazer uma versão melhorada de nós mesmos, tocando o barco de nossas vidas com mais calma e vivendo o momento presente. Como o nome já diz: “presente” (de Deus); e temos a obrigação de fazer o melhor possível, pois de repente tudo acaba e fica somente aquilo que deixamos no coração de nossos amigos e família.

Então é nossa obrigação seguirmos nos cuidando, nos protegendo e nos afastando fisicamente; mas abraçando com nosso carinho, aconchegando, aquecendo nas formas que estão disponíveis para o momento: usando nossas máscaras para nos protegermos uns aos outros, lavando muito as mãos, trocando o sapato que vem da rua por um calçado deixado, propositalmente, perto da entrada, quando sair de casa for inevitável. Vivendo o HOJE como se fosse o último dia da

nossa existência, mas com uso da moderação, da consciência crítica, do amor incondicional. Viemos do pó e um dia voltaremos. Faço o melhor que posso, obedeço minha consciência - ela é meu juiz (que me julga o tempo todo) - e acredito (pelo menos tenho esperança) que outros pensem que ninguém é feliz sozinho, pois que graça tem conquistarmos nossos objetivos e não ter com quem dividir os sucessos e, por que não, nossos fracassos e decepções?

Precisamos uns dos outros para seguir em frente, para vencer essa fase ruim, então é nossa missão cuidar para que sejamos cuidados, amar para que nos amem e compartilhar o bem para que nunca nos falte amigos.

Em tempos de isolamento obrigatório devido à Covid-19, o carinho, a atenção e cuidados dos nossos amigos e família, são e serão sempre, o melhor remédio ou vacina que podemos ter para prosseguir nossa jornada e vencer esse período complicado para o mundo inteiro.

Notas do Isolamento: sobre vidas desejosas de si mesmas

Rodrigo Avila Colla

O filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) é considerado um divisor de águas na história da filosofia ocidental. Ao romper com a metafísica, ele inaugura o perspectivismo e abre caminho para o que hoje se conhece como Filosofia da Diferença. Leitores(as) mais ansiosos(as) provavelmente já estarão se perguntando: o que isso tem a ver com o isolamento social? Explico.

Antes do colapso nervoso (sofrido em 03 de janeiro de 1889) que lhe deixou inválido e demente em sua última década de vida, Nietzsche vivera seus últimos anos de produção filosófica em isolamento. Com a visão muito comprometida e crises recorrentes de enxaqueca, o filósofo abandonou a carreira de docente na universidade em 1879, e dedicou seus últimos dez anos de lucidez somente à escrita. Alguns estudiosos de sua obra atribuem a originalidade de seu pensamento, em parte, a seu caráter solitário e, sobretudo, no que diz respeito às suas últimas produções, ao fato do autor ter lido muito pouco ao longo desses anos, afinal, estava praticamente cego. Foi, portanto, em isolamento e com a saúde já bastante debilitada, que o filósofo produziu suas principais obras. Com pouca influência de outros pensadores, mas, àquela altura da vida, profundo conhecedor da história da filosofia e exímio filólogo, Nietzsche desenvolveu uma filosofia que critica valores instituídos da cultura ocidental e preconizou a afirmação da vida.

Gilles Deleuze (1925-1995), proeminente pensador francês, filósofo da diferença e, juntamente com Félix Guattari (1930-1992), idealizador da esquizoanálise, interpretou a filosofia de Nietzsche, uma de suas principais influências, de maneira singular. Deleuze considera a doença na filosofia nietzschiana uma potência perspectivante. Ela funcionaria como uma “intersubjetividade secreta no interior de um indivíduo”, destaca o filósofo francês.

Ao provocar outras perspectivas, a doença nos induziria a experienciar a multiplicidade, convidando-nos a sermos múltiplos e, portanto, mais potentes.

Sozinho e enfermo, Nietzsche fez de seu pensamento uma sintomatologia e encarou os sintomas dos quais sofria como potências que lhe desafiavam a alcançar estados/pensamentos de maior poder. Quando o filósofo afirma que é preciso saber amar nossos inimigos, não se refere apenas aos rivais de carne e osso e ideias, mas à qualquer força que, oferecendo-nos resistência, exija superação. Logo, precisamos amar o destino que nos espera e gozar do sofrimento para, por meio dele, tornarmo-nos mais fortes. Existir plenamente e, principalmente, sermos senhores de nossas próprias vidas implica aceitar a dimensão trágica da existência. A vida é transformação, é vontade de empoderamento, e viver plenamente pressupõe desejar todas as forças que nos movem, que nos transformam e, com isso, nos ajudam a esboçar os contornos do que a própria vida significa na visão nietzschiana: vontade de mais vida; potência que deseja a si mesma.

Perdoem-me as(os) leitoras(es) mais impacientes – quiçá, com razão –, mas esse périplo pela filosofia foi necessário para podermos pensar a doença como potência. Não a doença cujo medo nos une, a COVID-19, mas as doenças das quais sofremos, todos os dias, com maior ou menor intensidade e que, salvo raras exceções, o isolamento social agravou. Somos, cada um de nós, sujeitos repletos de idiosincrasias. Sofremos, amamos e teimamos em sermos nós mesmos num inarredável fluxo de transformação a que chamamos vida. Vivemos a guerra e a paz de cada dia, sempre no limiar entre a vida e a morte, entre sanidade e moléstias, lutando pela sobrevivência, sopesando a ordem e o caos.

O fato é que o isolamento social prolongado nos impinge a sofrer, todos os dias, das doenças que nos acometem. Sentimos as dores de ser quem somos, ou melhor, padecemos resignadamente desta condição incontornável: ser em permanente transformação. E se antes o movimento de nossas vidas nos distraía,

por assim dizer, dos nossos movimentos internos, do nosso caráter mutante, agora, o inevitável pendor à introspecção nos faz notar devires com mais nitidez. Vivemos em convalescença. Somos a contínua cicatrização da aventura de estarmos vivos. O contexto torna difícil fugir dos nossos sintomas, bem como amainá-los com um analgésico qualquer em forma de sorriso amigo, por exemplo. Estamos todos a sós conosco mesmos e não há como escapar disso. Aquilo que sempre foi crônico, mas nem sempre doía, no isolamento volta e meia, dói; às vezes, mata ou morre para flertar com renascimentos.

Durante a primeira semana de quarentena, recorremos a alguns remédios que parecem eficientes. Viciamos rapidamente e a segunda semana exige outros medicamentos. Depois de um mês, é difícil algum tratamento se mostrar eficaz e, para o bem de nossa saúde, temos de encarar nossas doenças, admitir que elas existem e buscar conhecer seus funcionamentos – tal conhecimento, logo nos damos conta, é o principal pilar do autoconhecimento. Tornamo-nos cientistas de tudo aquilo de que sofremos. Por vezes, não nos suportamos, pois queremos ser outros. Não nos bastamos. Febris de inconformismos, mesmo sem perceber, nós nos diferenciamos. Mais suscetíveis, nós nos emocionamos, nós nos irritamos, perdemos o sono, mas reinventamos métodos de resistir - re-existindo. Investigamos nossas angústias e aprendemos com elas, ensaiamos respostas que nos levam a mais perguntas. Com o tempo, passamos a querer bem as perguntas, porque notamos que elas são forças moventes – e queremos, doentamente, a mobilidade. Isolados(as), recordamos que somos constituídos por uma multiplicidade de querências que, em qualquer caso, querem vida.

E agora, Escola?

Sandra Luiza Ribeiro Pivato

Ela chegou de repente, de surpresa, mudou a rotina, as expectativas e muitos planejamentos de vida. Os primeiros casos da doença COVID-19 surgiram no final do ano de 2019, na China, quando, aqui, estávamos comemorando a chegada do próximo ano que viria, sem imaginar que, logo no primeiro semestre de 2020, tal mal atingiria todos os continentes como uma pandemia.

Sempre se ouviu falar que professores são super-heróis sem capa e sem máscara... ops! Sem máscara? Pois então, agora, todos com máscara! Recomendados a ficarem nas suas casas para a não contaminação, através do distanciamento ou do isolamento social. Assim, o uso de máscara, do álcool em gel, da água e do sabão passaram a ser conteúdos ainda mais importantes a serem trabalhados com os alunos. Desde o início do isolamento social, enviei atividades para os alunos através do whatsapp e muitas pessoas próximas indagaram sobre tal postura, afirmando que o melhor a se fazer seria descansar. Mas como isso seria possível? Afinal, a rotina de muitas crianças mudou, cada um com a sua família, longe dos amigos, sem passeios, sem escola. O que fazer? Como o professor ficará sem a escola e sem o aluno? E o aluno? Como ficará sem o professor?

Independente das respostas, é fundamental que, enquanto educadores, percebamos que, apesar de tudo, é possível e necessária a adequação a essa nova realidade. Mesmo que provisória realidade. Por enquanto, aguardamos a fabricação da vacina e seguimos com o distanciamento social, torcendo para que isso passe logo.

Vamos pensar que esse vírus veio para transformar, mudar as nossas atitudes enquanto seres humanos, começando a amar com mais força o próximo e a nossa família. O tempo que não se tinha, agora é um tempo bastante. E neste tempo da

pandemia, surgiram várias manias. Casa limpa e organizada, receitas mais elaboradas, os jogos guardados voltaram a ser usados, a família reunida no almoço e no jantar, com muitas histórias para contar. Muitas lembranças e risadas ao rever as fotos que estavam guardadas. Várias mensagens e desafios nas redes sociais, recebendo muitas curtidas com emojis legais. E a vida segue esperando tudo voltar ao normal, sem isolamento social, e desse tempo lembraremos de muitas histórias para contar.

Borboletas sempre voltam

Raquel de Andrade Sena Franco

A vida é como um jardim! Nele, encontramos várias flores que se adaptam ao tipo de solo e às variações climáticas. Dentre tantas que formam um jardim, temos a borboleta e é sobre uma que quero falar.

Uma borboleta, quando vai colocar seus ovos, escolhe o tipo de folha e sua textura, para garantir o alimento até os ovos eclodirem, as larvas saírem e entrarem no casulo.

Essa borboleta entrou no seu casulo durante um período em que uma praga assolou o jardim no qual vivia. O medo era grande e começou a tomar conta dela e dos outros habitantes do lugar, pois a ameaça era constante. Ela sabia que o casulo era seu porto seguro.

Então, dentro dele, a borboleta se reinventou e foi buscar, em seu baú antigo de memórias, prazerosas e saudosas lembranças de momentos de sua infância com a avó, uma borboleta corajosa que nunca perdia a esperança e encantava a todos com seu jeito carinhoso de ser. Lembrou-se das tardes em que ficava ao lado dela, observando como ela costurava. Suas mãos eram habilidosas e o olhar, preciso. Costurava, com carinho e dedicação, para quem precisasse dela no jardim. Além disso, cozinhava como ninguém, preparando várias vezes o mesmo bolo de chocolate, para que nunca se esvaziasse o pote onde a neta procurava pelo doce.

Então, fortalecida por essas lembranças, a borboleta resolveu sair do casulo e observar tudo à sua volta. Lembrou-se dos seres que poderiam estar expostos ao perigo que surgiu na natureza, estando desprotegidos. Veio em sua mente todo cuidado e carinho que sua avó tinha ao fazer suas costuras. A borboleta resolveu pegar sua caixa de costura, alguns retalhos e, mesmo sem ter a mesma habilidade de sua avó, mas com o mesmo carinho, começou a costurar com as próprias mãos

inúmeras proteções de rosto para doar aos seres mais frágeis do jardim, instruindo-os sobre os perigos aos quais estavam expostos e a importância de ajudarem uns aos outros.

Assim somos nós no contexto atual. Nossa vida era um jardim antes da chegada da pandemia. Estava tudo em ordem! No máximo, alguma flor exigia um cuidado maior ou um ajuste no ph do solo ou houvesse a necessidade de cobrir o jardim para proteger das variações climáticas e outros fatores não tão severos. De repente, viramos borboletas e tivemos que nos recolher aos nossos casulos; precisamos nos reinventar, adaptar-nos a uma nova realidade; resgatar valores e memórias que estavam adormecidos ou no fundo de um baú antigo, mas com o colorido e a leveza que as borboletas possuem.

Esse é o grande ensinamento para a humanidade: o verdadeiro sentido da solidariedade. Assim, aos poucos, sairemos de nossos casulos como lindas borboletas prontas para continuar o tão nobre ofício de ENSINAR e AJUDAR.

A utopia da produtividade em tempos de pandemia

Daniele das Neves Martins

Mais de 70 dias de isolamento e, agora, resolvi escrever um pouco sobre esta inédita e assombrosa experiência. Durante esses híbridos dias, testemunhei de tudo um pouco: na TV, assisti à demissão de dois Ministros da Saúde e um da Justiça, a troca de farpas entre o presidente e a mídia, protestos antirracistas e, com pesar, o anúncio diário de mortes de pessoas vítimas da Covid-19. Pude assistir também à reprise do jogo em que meu time foi campeão mundial e rever um grande ídolo do futebol colorado, o eterno Fernandão. Aqui no condomínio onde moro, presenciei aplausos para os profissionais da saúde, painelaços contra o presidente, vizinhos que nunca havia visto antes passeando com os seus pets, e um bizarro morador ouvindo músicas dos anos 80 e cantando em tom altíssimo, sem nenhum talento pra isso. Por um momento, achei que estivesse numa festa de garagem do meu tempo de adolescente. Confesso que, apesar da dissonância, fiquei saudosa ao ouvir as músicas. Deveras, há males que vem para o bem.

Durante esse período de isolamento, saí poucas vezes de casa. Fui ao mercado, à farmácia e duas vezes ao médico. Uma vez ao dermatologista, pois resolvi aproveitar o tempo de confinamento e realizar um tratamento de pele para amenizar as “linhas de expressão”, as quais estavam me incomodando há tempos, não sei se estou numa fase vaidosa ou “vai-idosa!”, e outra ao traumatologista, pois minha querida hérnia de disco resolveu me incomodar, visto que eu estou há algum tempo sem praticar exercícios físicos e isso foi fatal para a danada se manifestar. Enfim, um dia, ouvi alguém falar que, depois dos 40 anos, se a gente acordar sem dor, é porque morreu. Quase isso!

As únicas pessoas com as quais mantive contato físico foram o meu esposo e minha filha, visto que moramos na mesma casa. Com outros familiares e amigos,

somente via rede social. Às vezes, eu ouço algumas vozes que não sei de onde vêm, e até converso com elas - não sei se é um distúrbio psicótico ou se é apenas efeito do confinamento. Minhas maiores fontes de informação são as minhas redes sociais, onde eu fico atualizada acerca de quase tudo, tanto sobre coisas boas, como ruins. Minha preferida é o “facefoca” (imaginem o porquê do nome), pois, além de me atualizar, também me divirto com algumas postagens cômicas. Claro que seleciono o que leio, pois há também muita fake news. Parei de acompanhar os telejornais, pois estava ficando abalada com tantos relatos de óbitos. Recebo também, pelas redes sociais, vários conselhos motivacionais sobre como sobreviver na quarentena, do tipo: “leia bons livros, faça exercícios físicos, organize o seu guarda-roupa, assista a bons filmes, etc.” Em suma, tenho que ser produtiva.

Ocorre que ando um pouco entediada, mas não é por ausência do que fazer, muito pelo contrário. Estou trabalhando de casa: preparo aulas, corrijo as atividades dos alunos enviadas pela internet, limpo a casa, estudo e ainda cumpro com meu papel de esposa e mãe. Porém, toda vez que esbarro com esse tipo de conselho, fico pensando no que eu poderia fazer para ser mais produtiva. Olho em volta de tudo e percebo que não consegui ler um livro sequer, que não assisti àqueles filmes extraordinários que eu gostaria de ter assistido, que os arquivos e as pastas do meu computador estão desorganizados e que a minha mesinha de trabalho continua bagunçada e pedindo socorro. Diante de tantas coisas a serem feitas, sinto-me culpada.

Às vezes, até acordo disposta e proveitosa, mas ser produtiva o tempo todo é muito chato e a pressão que os discursos motivacionais impõem à nossa vida, acaba nos deixando malucos e paranoicos. Não deveríamos nos culpar pelo modo como aproveitamos nosso tempo em meio a uma pandemia, isso é tudo muito novo para nós.

Talvez, muita gente que está confinada tenha tempo pra colocar a sua vida em dia, mas o problema é que a vida real acontece lá fora, na rua, junto às pessoas, seja no trabalho, na faculdade, no encontro com os amigos, nas compras no shopping, etc. Aqui dentro é o nosso esconderijo sagrado onde escapulimos do mundo depois do trabalho, é o lugar do descanso, da preguiça, do fazer nada, sem culpa.

Em síntese, depois que isso tudo passar, teremos tempo de sobra pra colocar a vida em dia, mas, por agora, máscara facial, álcool em gel, cuidados com a higiene e muita paciência para não tresloucar de vez, pois, se não cuidarmos da nossa saúde mental - aí, sim! - não haverá qualquer possibilidade de sermos produtivos.

Auxílio Emergencial

Aldaiza Fabiana Cabral do Nascimento

Acordou como se fosse um dia qualquer, mas não era. O sol da manhã entrava pelas frestas do casebre de madeira e batiam no seu rosto envelhecido pelos anos. Na televisão de tubo em preto e branco que encontrou num descarte da cidade, olhava e escutava as notícias do dia anterior. Era 20 de abril de 2020. As crianças, já acordadas e famintas, corriam pelo único cômodo daquele humilde lar. A mulher, com suas roupas surradas, passava um café ralo na leiteira encontrada no lixo de um luxuoso condomínio da cidade vizinha.

Ele não entendia o que estava acontecendo. Como assim não podia sair de casa? Toda aquela gente não sabia que ele precisava trabalhar? Ele saía mais cedo para recolher o lixo da cidade. Ele saía de casa para buscar o sustento da família. E todos os dias eram tão iguais, mas agora, não mais! Na escola dos filhos a diretora falou que as aulas estavam suspensas. E agora? Como iria alimentar seus filhos? A mulher fazia faxina na casa da Dona Tereza. Dona Tereza tinha 80 anos e morava sozinha num amplo apartamento, no centro da cidade. Ela não queria a mulher lá. Tinha medo do que tinha visto na televisão colorida, de plasma, de 55 polegadas. Nas ruas, muitas pessoas, usando máscaras, com medo de serem contaminadas pelo tal vírus que veio da China. Ele se sentia pior do que antes. Se antes ele era ignorado, agora ele nem era notado. Tempos difíceis.

Os dias se arrastavam numa tal de quarentena que não tinha fim. O vírus da fome dilacerava não só o estômago, mas também a dignidade. As crianças sentiam falta da escola. Sentiam falta do leite quentinho, do pãozinho com doce de fruta, do carinho e do abraço da professora, do almoço da tia da cozinha, do lanchinho da tarde. A mulher não mais tinha as sobras de alimentos das fartas refeições, na casa da Dona Tereza, que alimentavam sua família ao final de todos os dias. Ele fazia o que era (im)possível para alimentar a sua família! A única esperança era esperar o tal auxílio emergencial.

((pulso aberto))

Graziela Caroline Loro Cunha

A vista panorâmica da cidade é a moldura que se vê no recôncavo dos portais familiares e na aridez das ruas. Movimento quase nulo que acontece em meio a tempos singulares. Irregulares sentidos. Outono de 2020. Coronavírus.

No topo dos frondosos plátanos, os ruídos já não são como antes. Em meio às folhas temperadas de matizes amarelas, pequenos pássaros ensaiam o canto que esbarra nos pensamentos absortos daqueles que ainda se atrevem a olhar o céu. Ali, percebe-se o tremor estabelecido nas vozes humanas que, por hora, desconhecem o caminho e, na distância, buscam respostas.

Sob a luz solar, nós nos esforçamos para reencontrar a estrada. Inevitavelmente, a memória remete à tangível demora em que se permitirão os abraços depois que tudo isso se tornar passado.

Que tanta falta nos faz... sentimento ambíguo. Tantos manifestos reverberam dentro do peito nesse aperto: o toque, o beijo, a sensação de segurar, dar conta... nem sempre efetivos são esses eleitos verbos que por vezes vazam em ardente chama e escorrem das pálpebras.

Aquele que antes, auscultando no próprio coração, já reconhecia o 'quarentenar' dos dias sob a ótica fugaz de uma sociedade liquefeita, hoje, vê-se em profundo pesar ante à incerteza da transitoriedade por estar inadvertidamente triste. A ânsia loquaz da memória que teima em nos jogar ao ímpeto do retorno, mais uma vez, busca por atenção.

Pedem-nos calma. Ensinam-nos. O interrogatório interno é grande. Disparos emocionais emergem históricos. Saltam aos olhos as diferenças... vicissitudes efêmeras? Uns caem, outros gritam! Há os que choram. Se vê risos em negação? Conflitos externados pela inábil condução dos fatos. Valores monetários

escancarando realidades distintas. Valores humanos convocando, ao centro do próprio eu, cada um de nós.

Vamos para o novo, vamos para o todo, vamos para o mundo...

No intenso, no terno, no proposto, no profundo! Ao gosto, agosto?

Genuínos tempos dos acordes, dos acordos, de acordar. A linha tênue da rasa interpretação expõe a relevante influência de visões aleatórias que experimentam a torpe sensação de angústia no inesperado...

Há valores natos encobertos pela grossa camada do tempo. A era sombreada pela invisibilidade dos dias vem agora e nos devolve a despreziosa intenção da avenida que aguarda o transeunte... foi preciso parar.

Como peregrinos, corações órfãos a tudo questionam sob a incerteza do que será... o sentimento de cuidado aponta no horizonte, de onde surge a vertente positiva que nos mantém fortes nessa rede de sustentação. Saúde. Confiança.

Somos chamados a reorganizar o chão, o espaço, o cômodo, o que se tinha, o que se leva, o que realmente importa, no caminho de fora e naquilo que urge dentro. Ontem, no vertiginoso ritmo que estávamos. Hoje, nossos silentes olhos é que notam um suspiro na velocidade com que se observa uma pena a flutuar.

Parar, distanciar, aguardar, reinventar, esperar... Palavras que nortearam a existência. Decisões difíceis, tristeza diante de tantos sonhos adiados. Angústia pelo negócio impactado que não sobreviveu. A escola que nunca antes deixou de testemunhar a energia da criança e do jovem. O hospital na demanda exacerbada, profissionais exauridos. A morte em assustadora escala numérica e toda real dimensão desta pandemia que, talvez, sequer tenhamos conhecimento.

Sob o contraponto da fé, vi casas exalando o cheiro do pão, joelhos dobrados em família, tinta fresca no muro, jardins sendo erguidos em nome da esperança, balanços vazios sob a brisa das praças aguardando a infância que os tem em domínio... ainda posso ouvir as risadinhas que ecoam na linha do tempo.

Sob a polifonia da barreira que nos cobre o rosto, a máscara protege do vírus, assim como, simultaneamente, abstém o sorriso. Há que se traduzir olhares: aqueles que riem, que choram, aqueles que pedem socorro, que contemplam; aqueles que sofrem no insistente disfarce de que tudo vai bem; olhos que amam no silêncio das palavras, olhos que observam na tentativa de compreender o mundo.

Talvez, um dia, possamos nos tornar peritos em enxergar corações pelas janelas da alma... De alguma forma, as imagens ficam turvas, tudo ainda dói. Quero respirar e inspirar o que nos mantém vivos, oxigenar sentimentos, deixar fluir a essência na materialização da vida prática. A constância na busca pelo equilíbrio dialoga com a sensatez.

Naquela noite, a chuva, tamborilando no vento, apresentou-se como a consciência do que nos move. Quem somos diante da vastidão dos fatos?

Perspectiva linear, somos, em totalidade, necessários.

Desejos que habitam a frente, titubeando o toque do acorde pulsante da mira em peito aberto. A arte, parceira que lustrou a travessia, em suas diferentes manifestações, nos deu colo. Há escassos risos, a lágrima ainda pontua as horas, cadência na ausência de tudo que um dia foi. É o sopro de uma nova realidade que se apraz da sensibilidade que veio à tona.

Já não somos os mesmos. Quais serão nossas escolhas?

Na sinuosidade das voltas... o que edificamos diante da desconstrução dos dias nos fortalece. Estamos, ainda, acenando àqueles dos quais nos despedimos na jornada, honrando suas histórias em gratidão ao que nos une na vastidão do tempo.

Olha para frente, em apreço ao vir a ser! A vida nos espera.

Norberto da Silva Santos

Guilherme Garcia Sumariva

Eliane Kauer

Rodrigo Avila Colla

Sandra Luiza Ribeiro Pivato

AUTORES

Miguel Antonio de Athaydes Machado

Aldaiza Fabiana Cabral do Nascimento

Raquel de Andrade Sena Franco

Graziela Caroline Loro Cunha

Daniele das Neves Martins



Norberto da Silva Santos



Professor de história nas redes de Esteio e Cachoeirinha, leitor sempre, escritor raramente, vegano pelo planeta e pelos animais, canceriano, apaixonado por cachorros, verão, praias, memorabilia e boas histórias.

Guilherme Garcia Sumariva



Nasceu em Porto Alegre, em 1992. Em 2012, ingressou no curso de Licenciatura em História, pela UFRGS. Concluiu a graduação em 2016, passando a integrar a Rede Municipal de Ensino de Esteio como professor de História em 2018. No ano seguinte, começou um Mestrado Profissional em Ensino de

História, também pela UFRGS, pesquisando acerca de jogos, narrativas e ensino de história. Na literatura, tem como referência Howard Fast, escritor de romances históricos como *The Proud and the Free*, *Torquemada*, *The Unvanquished* e sua mais magnífica obra, *Spartacus*, que deu origem ao filme homônimo de Stanley Kubrick.

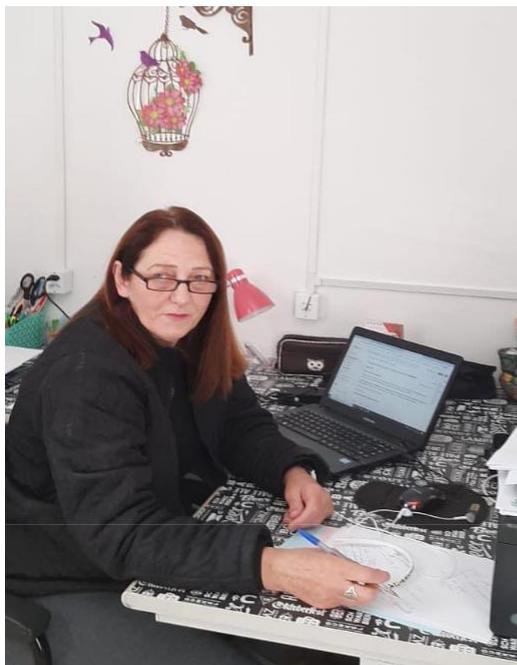
Miguel Antônio de Athaides Machado



Morador da cidade de Canoas e professor de Língua Inglesa no município de Esteio, desde 2016. Além de lecionar o idioma inglês, gosta muito de Literatura, tendo duas especializações na área. Gosta de lecionar, de estar com seus alunos e de oportunizar meios e caminhos de mantê-los curiosos o máximo de

tempo possível. É apaixonado por viagens e, com isso, tenta dividir com os estudantes as vantagens de ser um viajante e estar em contato de perto com muitas outras culturas. “Nossas aulas são sonhos que podem ser realizados”, mensagem que o professor sempre passa a eles.

Eliane Kauer



Natural da cidade de São Leopoldo, RS, moradora da cidade de Sapucaia do Sul, Eliane tem 56 anos, é casada e tem dois filhos. De origem simples e humilde, desde muito jovem, Eliane trabalhou para ajudar no sustento da casa. Aos 14 anos, concluiu o Ensino Fundamental, começou a trabalhar em uma empresa e aos 15 anos ingressou no Magistério. Depois de muitos anos, trabalhando como professora municipal e estadual de ensino fundamental no município de Sapucaia do Sul, passou a atuar no setor administrativo financeiro dentro da escola. No

ano de 2016, aposentou-se de suas funções no Estado do Rio Grande do Sul, e, em 2017, foi nomeada professora de Educação Infantil no município de Esteio. Atuou como Tutora à Distância pela Universidade Ufpel/Pelotas e, atualmente, é Tutora à distância pela UFRGS. É graduada em Letras – Espanhol pela Ufpel, com especialização em Gestão, Supervisão e Orientação, Atendimento Educacional Especializado, Tutoria à Distância. Atualmente, cursa a graduação em Pedagogia. Declara-se apaixonada pela Educação Infantil: “Meus pequenos tem sempre uma energia maravilhosa, razão pela qual voltei a atuar em sala de aula. Tudo o que fiz e vivi em minha vida ajudou a me tornar uma pessoa perseverante, alegre, otimista e extremamente grata por tudo o que conquistei.”

Rodrigo Avila Colla



Pedagogo e comunicólogo formado pela UFRGS, onde também realizou especialização em Pedagogia da Arte. Mestre e Doutor em Educação pela PUCRS. Amante da natureza, da Filosofia e da Arte. Nos últimos anos, publicou diversos artigos

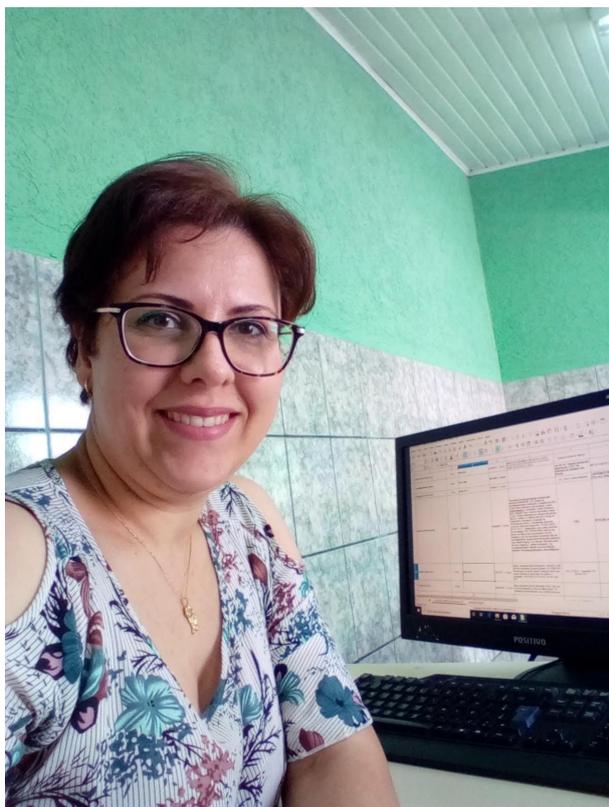
sobre educação em periódicos da área, além de poemas em cadernos literários e matérias em revistas. Atualmente, é professor de Educação Infantil da Rede Municipal de Esteio – RS.

Sandra Luiza Ribeiro Pivato



Natural de Esteio, professora de Séries Iniciais. Graduada em Pedagogia com especialização em Supervisão Educacional. As histórias e as músicas estão sempre presentes nas suas propostas em sala de aula. "E agora, Escola?" é a primeira crônica da autora, que surge como uma adequação a essa nova realidade vivenciada como educadora.

Raquel de Andrade Sena Franco



Gestora Pedagógica – Orientadora Educacional da EMEB Ezequiel Nunes Filho. Raquel tem 41 anos e é casada. Graduada em Pedagogia com habilitação em Orientação Educacional pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, desde 2005. É especialista em Alfabetização e Letramento pela Unilasalle. Ingressou na Rede Municipal de Ensino de Esteio recentemente, pelo concurso

realizado em 2019. Segundo a autora, a Pedagogia entrou por um acaso na sua vida. Até o ano de 2001, cursava a faculdade de Direito quando, na época, foi convidada para dar catequese de Crisma na paróquia que frequentava em Porto Alegre. Ali teve sua primeira experiência em sala de aula e se apaixonou pela área! Pediu transferência, ao término do semestre, para o de curso de Pedagogia. Em paralelo com os estudos, começou a lecionar. Para a autora, “a Educação é fantástica e completa pois não há nada mais gratificante do que ver a evolução e o crescimento em todas as áreas do desenvolvimento humano. É a vida no sentido mais puro e pleno da palavra!”

Daniele das Neves Martins



Daniele das Neves Martins, tem 43 anos, é gaúcha, nascida em Rio Grande, licenciada no curso de Letras Português-Espanhol e suas respectivas literaturas pela FURG- Universidade Federal do Rio Grande e especialista em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Barão de Mauá. Atualmente, é

professora de Língua Portuguesa no município de Esteio.

Aldaiza Fabiana Cabral do Nascimento



Nascida no município de Passo do Sobrado aos 24/07/1975. Coursou Magistério / La Salle – Canoas/RS. Graduada em Letras e Pós-Graduada em Literatura Brasileira pela UNISINOS – São Leopoldo/RS. Professora da Rede Municipal de Esteio desde 1996. Professora da Rede Estadual do Rio Grande do Sul desde 2004.

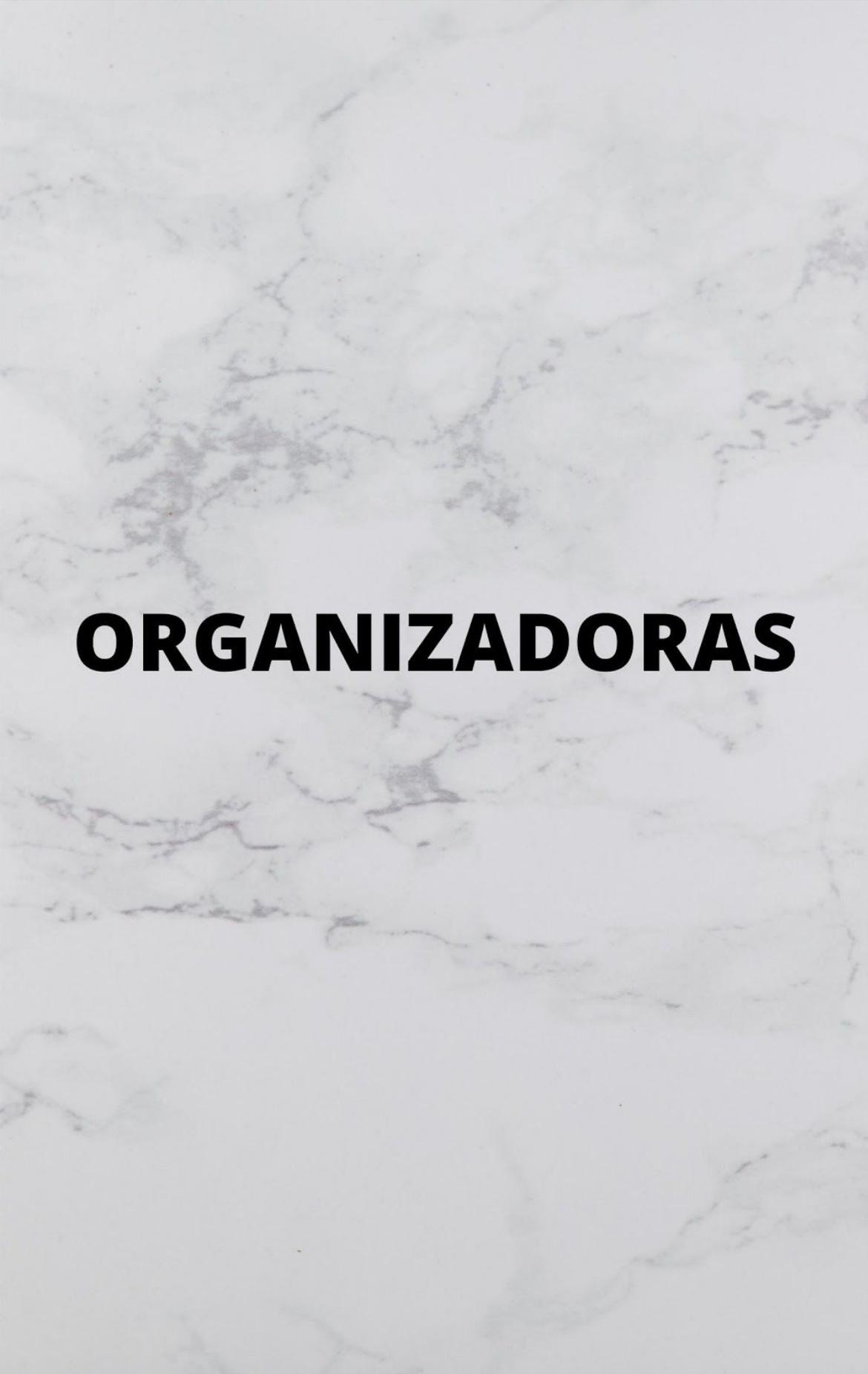
Atualmente, Diretora da EMEI Florescer – Esteio/RS e Supervisora da E.E.E.M. Dyonélio Machado – Esteio/RS. Tem como hobby escrever poesias, as quais são postadas na página “Iza Cabral” no Facebook.

Graziela Caroline Loro Cunha



Graduada e especialista na área da Pedagogia, caminhou entre a secretaria da escola e a sala de aula de instituições públicas e privadas. Atualmente, compõe o grupo docente do suporte pedagógico da EMEI Colorindo o Aprender. Professora da infância, mãe de adolescente, apaixonada por artes plásticas, música, literatura, fotografia, florestas e lápis de cor... Adora conhecer a história de vida das

peessoas. É bastante urbana, mas não se mantém longe do contato com a natureza. A escrita, desde cedo, convocou seu olhar e, ao longo dos anos, tornou-se um hábito. Registros genuínos do acervo pessoal constituem licenças poéticas do ato livre de escrever. Ela nutre sonhos, como toda gente. Entre eles, presenciar as alegrias da filha, publicar seu livro e testemunhar o mundo coexistindo em harmonia.

The background of the page is a light-colored, marbled pattern with subtle, irregular veins in shades of grey and white, resembling natural stone or marble. The text is centered horizontally and vertically on this background.

ORGANIZADORAS

Lúcia Regina Lucas da Rosa



Doutora e mestre em Letras – Literatura Brasileira pela UFRGS; professora e pesquisadora no PPG em Memória Social e Bens Culturais e também professora e coordenadora do curso de Letras da Universidade La Salle. Organizadora de livros trilingües de contos publicados pela Editora Unilasalle. Coordena o grupo artístico-

cultural Com Todas as Letras & Emoções Unilasalle, realizando saraus e integrando um grupo de teatro, sendo autora e atriz da peça teatral Mulheres de Machado. Participa de grupos de pesquisa vinculados ao estudo da literatura e do ensino.

E-mail: lucia.rosa@unilasalle.edu.br.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3861682299264260>

Cristiane Gomes



Mestranda em Memória Social e Bens Culturais na Universidade La Salle, tendo concluído Especialização em Língua, Literatura e Novas Mídias pela ULBRA e Graduação em Letras – Português pela UNISINOS. Professora há 15 anos, sendo 11 desses como professora de

Português da rede municipal de ensino de Esteio, atualmente atua como Coordenadora de Projetos, Tecnologias e Inovação na Secretaria Municipal de Educação de Esteio.

Contato: cristiane.gomes@educaesteio.com.br

Maiara Letícia Ávila da Silva



Amante da música, do teatro e da literatura. Professora de Língua Portuguesa no município de Esteio, graduada em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela ULBRA e pós-graduanda em Supervisão e Orientação Educacional pela UniRitter. Atualmente, é Assessora de Projetos de Incentivo à Leitura e à Escrita da Coordenação de Projetos, Tecnologias e Inovação na Secretaria Municipal de Educação de Esteio.

E-mail: maiaraleticia.avila@gmail.com

ISBN 978-658816002-2



PREFEITURA DE
ESTEIO

